ISSN 2237-1508
PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura
Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, jan. a dez. 2026
www.periodicos.uff.br/pragmatizes
Dossiê "Formação em organização da cultura", volume I

Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense: 30 anos de experiência

João Domingues[1]

Luiz Augusto F. Rodrigues[2]

RESUMO: O artigo é dedicado à reflexão sobre a experiência de construção e consolidação do Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense. O trabalho dialoga com alguns elementos da sociologia das profissões, ao procurar projetar uma historicidade da jurisdição profissional. A posição de escrita do artigo, feito a quatro mãos, se encontra na interlocução entre um egresso do curso – hoje também membro de seu corpo docente – e um de seus professores durante o ciclo de sua formação no Bacharelado. Tomamos alguns depoimentos entre colegas de instituição para procurar construir uma genealogia possível ao projeto. Por fim, procuramos organizar, a partir de relatos de discentes do curso e de diagramas de seus Trabalhos Finais de Curso, um panorama das posições ocupadas pelos egressos.

Palavras-chave: Bacharelado em Produção Cultural; Universidade Federal Fluminense; formação em organização da cultura; políticas educacionais universitárias.

Recebido em: 25/02/26 | Avaliado em: 17/06/26
Publicado em: 23/09/26

[1] Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Curso de Graduação em Produção Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: joaodomingues@id.uff.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8971-6213.

[2] Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Curso de Graduação em Produção Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da UFF. Coordenador do Laboratório de Ações Culturais (LABAC-UFF – https://labacuff.wordpress.com). E-mail: luizaugustorodrigues@id.uff.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0583-9641.

Como citar:
DOMINGUES, João; RODRIGUES, Luiz Augusto F.. Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense: 30 anos de experiência. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, p. 1-29, 2026. DOI: https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v16i30.70852.

Introdução

Este artigo procura apresentar algumas chaves para a investigação de percursos profissionais em nossa realidade nativa. No caso em tela, procuramos lidar com as/os produtoras/es culturais, uma carreira que, além de ampla possibilidade de atuação, lida com um fenômeno de nada simples definição. O esforço aqui empreendido demanda captar algumas sutilezas próprias às atividades destas/es profissionais para dar conta de uma definição razoavelmente bem-acabada de seu escopo de atuação.

Um primeiro espaço de captura destas sutilezas diz respeito ao universal que acompanha o batismo desta profissão, e que se endereça ao fenômeno da cultura. Cabe dizer que este primeiro movimento se dá em torno de uma ambiguidade. Esta residiria no questionamento da viabilidade de constituição de algum tipo de ordenamento planejador à cultura (Dias, 2023), aqui tomada em seu sentido *lato* e identificada no âmbito dos significados que conferem realidade ao real experimentado pelos distintos agrupamentos humanos. Mas é importante explicitar que o tratamento da "cultura da produção cultural" se refere a uma delimitação mais estrita ao fenômeno e se estabelece na identificação de arranjos produtivos que têm nas expressões da cultura os seus ativos centrais.

Falamos então da cultura tomada pela produção cultural como aquela onde regimes sensíveis instituídos em determinadas linguagens expressivas mostram-se capazes de serem organizados para serem transmitidos e acessados por interessados, através de suportes materiais ou apresentações *in loco*. Nesta forma apenas sintética de entendimento desta estrutura, agentes criadores da expressão e agentes espectadores viriam a encontrar-se pela indução destes arranjos.

À historicidade destes arranjos são também correspondentes distintas combinações entre forças produtivas e relações de produção. O século passado mostrou-nos uma transformação profunda do modo de produzir expressividades, não apenas renovando possibilidades criativas às linguagens pela introdução de outras tecnologias, como também alterando a escala de consumidores pela adoção dos meios e racionalidade industriais para o registo e difusão, bem como dos padrões de comunicação e financiamento – modo mais explícito de atuação do que se convencionou chamar de indústrias culturais.

Assim, e em acréscimo aos agentes criadores e espectadores que seriam as pontas

do circuito de produção da cultura, outros agentes são convocados a se tornarem partícipes deste processo. Operadores da comunicação, mediadores educacionais, trabalhadores que dominam suportes técnicos, especialistas em logística, administradores de equipamentos culturais, críticos, empresários artísticos, agências de financiamento, patrocinadores, mecenas, agentes do sistema bancário, fornecedores, prestadores de serviço, e tantos outros tipos de sujeitos são hoje convidados a ingressar – com seus próprios interesses à baila – de forma mais ou menos intensa no processo de racionalização das atividades que dão estrutura aos circuitos de criação, produção, circulação, fruição e preservação da cultura.

Este processo, pouco a pouco, alcançaria também as linguagens que não necessariamente se organizam por escala orientada ao consumo de massa. Há, assim, uma razoável complexificação da estrutura produtiva de diferentes linguagens expressivas, influenciando em padrões de competição pelo interesse de consumidores e pelos escassos recursos destinados à diminuição de custos de produção por insumos financeiros (Domingues, Oliveira, Facina, 2024).

E na medida em que os arranjos vão se tornando cada vez mais complexos, abriu-se um espaço para que a coordenação das operações e dos interesses destes diferentes atores do processo produtivo demandasse a presença de um novo profissional. Em certa medida, podemos identificar o espaço de atuação das/os produtoras/es culturais neste entremeio. Caberia, de forma sintética, a este profissional o espaço privilegiado de mediação para a concatenação das atividades entre os diferentes agentes dos arranjos expressivos.

Há um conjunto razoavelmente significativo de trabalhos que tem buscado interpretar este perfil de atividade. Alguns apontam para distintas denominações, nativas e não-nativas, que são tomadas para designar os atuantes no planejamento da cultura (Amaral, 2019; Costa, 2011; Rodrigues, 2016). Outros se orientam aos desafios do campo de trabalho, seja pela adesão de jovens que procuram posições laborais não-convencionais, mas com capacidade de mobilizar desejos pessoais na escolha de sua carreira profissional (Moreno da Silva, 2018; Tommasi, 2016). Há ainda as pesquisas que pensam as distintas gerações destes trabalhadores, cuja integração à posição laboral será construída sob formas muito distintas de relação com a institucionalização (Weyne, 2014), ou ainda as mais recentes já interessadas em perceber ciclos de integração à

produção cultural que revelam formas atualizadas de precarização do trabalho (Portella Machado, 2019, 2020).

Mas queremos chamar atenção para alguns *frames* de pesquisa que procuram investir em uma possível história da profissionalização e de uma identidade profissional às/aos produtoras/es culturais (Nunes; Benevides, 2017). Em diálogo incisivo com a sociologia das profissões (Nunes; Bonelli; Mick, 2022), esta posição interpretativa da historicidade de uma ocupação profissional e de seu reconhecimento social investiga certas demarcações que estabilizariam algumas características genéricas às profissões contemporâneas. Alguns indicadores, neste sentido, seriam os apontamentos das evidências de uma *profissionalização*: criação de representações políticas (associações e sindicatos, em geral); criação de jurisdições que regulam o exercício da profissão; surgimento de categorizações em sistemas de classificação governamentais; e, para nosso debate, o surgimento de cursos superiores que organizam determinados saberes referentes à profissão (Nunes; Benevides, 2017).

No caso da profissão produtor/a cultural, Nunes e Benevides (2017) identificam uma potencial gênese na categorização de classificação governamental ainda na década de 1970, quando a categoria "diretor de produção" fora normatizada no Decreto n° 82.385, 05 de outubro de 1978, que criou e regulamentou a família ocupacional de artistas e de técnicos em espetáculos de diversões (Pedroso, 2014). Porém, é na passagem da década de 1980 para 1990, sendo confirmada nos anos 2000, que o termo "produtor/a cultural" viria a ganhar maior estabilidade. Em larga medida, esta se daria por uma correspondência com as transformações profundas do modo de gestão cultural estatal.

A transição para a Nova República trouxe consigo a primeira experiência de um Ministério exclusivo para a cultura, ainda em 1985. Os anos seguintes viriam a alterar com mais radicalidade o panorama da organização das fontes públicas para o financiamento de arranjos expressivos. A introdução dos sistemas de financiamento público, via leis de renúncia fiscal[3], foi consolidada de maneira a demandar um instrumento técnico – o que se convencionou chamar de projeto cultural – como o meio de acesso à concorrência por recursos. A operação desta instrumentação ajudou sensivelmente a colocar no centro da operação dos mecanismos públicos de incentivo o

[3] No caso, a Lei Sarney, nos anos 1980, e a Lei Rouanet, que criava o Programa Nacional de Apoio à Cultura, nos anos 1990.

profissional responsável pela coordenação dos arranjos expressivos.

É importante frisar, como já minimamente exposto anteriormente, que as atividades das/os produtoras/es culturais não se limitam à operação exclusiva de uma técnica projetiva. O que nos interessa apontar é que o surgimento de um sistema de financiamento público orientado por um campo legítimo de intervenção estatal dedicado aos assuntos produtivos da cultura foi produzido em sincronia à maturação de palavras-chave que definem as categorias profissionais nos sistemas oficiais de classificação governamentais.

Esta literatura destaca que na década de 2000, a publicação da Classificação Brasileira de Ocupações viria a substituir os “Empresários Artísticos” pelos “Produtores Artísticos e Culturais”, refletindo não apenas no fato de que a atividade já havia conquistado reconhecimento entre os pares do processo produtivo mas em uma linha explícita de evidência de um processo de profissionalização (Domingues; Portella Machado, 2021; Nunes; Benevides, 2017).

Tendo esta historicidade profissional como pano de fundo, queremos explorar uma outra sincronia identificada, que também se mostra como um requisito à constituição de uma identidade profissional. Falamos sobre o os sistemas de capacitação dos trabalhadores e as formas para aquisição de habilidades e conhecimentos como elementos absolutamente decisivos à trajetória de uma carreira profissional.

Podemos enxergar como a organização dos saberes legítimos à atividade profissional orientada à produção cultural seria ampliada em espaços formativos. Em meados da década de 1990 pululam cursos técnicos, graduações e especializações com denominações que variam entre produção cultural, gestão cultural, gestão de eventos e similares (Rodrigues, 2016). Além disso, são muitos os eventos, seminários e congressos que se tornariam fontes para um exercício da "profissionalização" do setor que fazem parte das muitas discussões sobre o tema (Calabre, 2014). Entendemos que estes espaços vão se tornando ambientes de constituição de alguns dos códigos do sistema profissional, enredados por um "casamento" entre acadêmicos e categorias de práticos, tal como formulado por Parsons (1968).

Procuramos aqui apresentar uma experiência na formação profissional, que já conta com três décadas de realização. Trata-se do Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pretendemos nas próximas seções apresentar

algumas potenciais chaves genealógicas de sua criação, parte maciça das perspectivas de fundo que orientam o projeto pedagógico, além de algumas indicações sobre a posição ocupada pelos egressos. O texto é produzido a quatro mãos, sendo um dos autores testemunha presencial do processo de aprovação do primeiro projeto pedagógico no interior da Universidade. Contamos ainda, na perspectiva de um *corpus* de pesquisa que está em andamento, com registros de informações concedidas por interlocutores que viveram distintas fases na UFF e que se aproximaram de alguma forma do curso durante seu ofício como docente, além de outros dados coletados em pesquisas anteriores.

Fragmentos de um contexto de criação

Como dito, a formação em produção cultural na universidade pública brasileira ganhou relevância a partir da década de 1990, concomitante ao crescimento da indústria cultural e às mudanças de trajetória nas políticas públicas de cultura no país. Neste cenário, a Universidade Federal Fluminense foi pioneira ao implantar o Bacharelado em Produção Cultural.

A UFF foi criada em 1960[4]. Seu maior campus está sediado no município de Niterói, embora hoje tenha se expandido para diversas outras cidades do interior do estado. Niterói é uma cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro, tendo já completado 450 anos[5]. Antiga capital do estado do Rio de Janeiro – antes da fusão com o estado da Guanabara em 1975 –, tem hoje população estimada em mais de 480 mil pessoas, segundo o censo do ano de 2022[6]. Entendemos que alguns apontamentos sobre a trajetória de algumas divisões da UFF e algumas incorporações do tema da cultura pelas políticas urbanas da cidade podem nos oferecer algumas pistas para ensaiar parte do contexto de criação do curso de Produção Cultural.

No fim daquela década – mais precisamente em 1968, momento de exacerbação

[4] À época fundada como Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, apenas em 1965 viria a adotar o atual nome. A UFF tornava-se um centro de agregação de distintas faculdades em funcionamento na cidade: Faculdade de Direito de Niterói, Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade Fluminense de Medicina, Faculdade Fluminense de Medicina Veterinária, Faculdade de Ciências Econômicas de Niterói, Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social de Niterói, Faculdade Fluminense de Filosofia e Escola Fluminense de Engenharia. Para mais, ver: <http://memoria.uff.br/linhadotempo/>. Acesso em 10 fev. 2026.

[5] Há versões distintas sobre a data de fundação da cidade. Para mais, ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/22/niteroi-450-anos-entenda-as-tres-datas-na-bandeira-e-conheca-a-historia-da-cidade.ghtml>. Acesso em 09 fev. 2026.

[6] Para mais, ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi/panorama>. Acesso em 09 fev. 2026.

da repressão na ditadura militar – é criado o Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF (IACS). O curso de Biblioteconomia, já existente, seria alocado no então nascente Instituto, que viria a também a receber o, então, novíssimo curso de Comunicação Social, com as habilitações em Cinema, Jornalismo e Publicidade.

A habilitação em Cinema nasceria de um convite do então reitor da Universidade, Manoel Barreto Netto, ao cineasta Nelson Pereira dos Santos, um dos responsáveis pela formatação do projeto (Serra, 2026). O cineasta fora docente, e também um dos criadores, do curso de Cinema da Universidade de Brasília (UnB). Afastado após a intervenção militar de 1964 na UnB, Nelson Pereira, além de participar ativamente na criação do curso de Comunicação, foi também responsável pela criação da sala de cinema da UFF, batizada como *Cine Arte UFF*. No contexto de expansão da infraestrutura de uma universidade que ainda debutava, a UFF adquiriu um imóvel que abrigara o Hotel Balneário *Cassino Icarahy*, onde funcionaria a sede administrativa da Reitoria. O Cine Arte UFF seria abrigado no térreo do imóvel do antigo hotel.

A iniciativa mobilizada mostrava uma posição certa forma estratégica à construção do curso de Cinema, na medida em que a Universidade já parecia enxergar como a especificidade de um bacharelado voltado à produção audiovisual deveria reunir duas pontas de um arranjo expressivo. Aquele que investiria nos processos de criação e também uma compreensão do papel público da instituição como um potencial espaço de circulação de obras, reunindo dimensões de ensino e extensão.

Mas o projeto originalmente pensado pelo cineasta era ainda mais robusto. A ideia de Nelson Pereira era que o prédio da Reitoria pudesse receber não apenas a sala de cinema, como outros aparelhos que também estariam disponíveis à população, como um teatro, uma livraria, uma imprensa, e uma galeria de arte (Serra, 2026).

Esta posição da universidade como um ambiente também dedicado à mostrar-se um equipamento de circulação de bens culturais produzidos viria a ganhar maior densidade nos anos subsequentes. No ano seguinte à inauguração da sala de cinema, a UFF criaria o seu Departamento de Difusão Cultural (DDC), que viria a ser o responsável pelas ações culturais da Universidade.

Na década de 1980, o DDC expandiu fortemente a oferta de equipamentos culturais à população de Niterói, tornando-se mais próxima da concepção original. Adicionava-se, assim, ao prédio da Reitoria, o Teatro da UFF, a Galeria de Arte UFF, o

Espaço UFF de Fotografia, além da incorporação ao DDC da Orquestra Sinfônica Nacional, do Quarteto de Cordas da UFF, e do conjunto Música Antiga da UFF. Em 1994[7], o DDC passaria a ser denominado como *Centro de Artes UFF*, reconhecido como um polo cultural já estabelecido na cidade. Na década de 1990, portanto, a estrutura então iniciada com o Cine Arte UFF seria amadurecida e amplamente alargada.

Segundo relato de um interlocutor, egressos do curso de Comunicação viriam a se tornar parte dos recursos humanos das ações do DDC, assim como outros técnicos-administrativos da própria universidade aos poucos viriam a ser deslocados de suas áreas de origem para construírem domínio das funções técnicas da produção dos espetáculos e mostras disponibilizadas pelo Centro de Artes (Serra, 2026). Assim, a UFF, ao passo em que se mostrava uma instituição interessada em interferir publicamente na circulação de bens e serviços culturais, vinha aos poucos e de maneira um tanto orgânica acumulando entre seus recursos humanos algumas das especialidades necessárias ao funcionamento de um equipamento deste tipo.

Este cenário que se consolidou na UFF também é de certa forma sincrônico a alguns esforços produzidos no âmbito da gestão municipal. É importante mencionar que a cidade de Niterói já mantinha à época da criação do Centro de Artes UFF uma experiência razoavelmente longeva na gestão pública municipal de cultura. O primeiro órgão gestor da cidade foi o Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural, criado em 1967. Este viria a ser rebatizado algumas vezes até que, desde 1997, recebeu a denominação até hoje vigente de Fundação de Arte de Niterói (FAN), sendo uma entidade da administração indireta. O município mantém a coordenação de suas políticas de cultura também incluindo o trabalho de uma secretaria municipal exclusiva. Seguindo a tendência de surgimento de órgãos específicos na administração direta na abertura democrática de meados da década de 1980, é criada, em 1986, a Secretaria Municipal de Cultura de Niterói – rebatizada, desde 2013, como Secretaria Municipal das Culturas (Wolf, 2022).

Além de uma estrutura gestora consolidada, a prefeitura de Niterói, nos anos 1990, viria a aderir a uma tendência global de renovação dos repertórios da gestão urbanística, que incluiria a construção de equipamentos culturais como elementos centrais de recomposição da acumulação urbana (Domingues, 2013; Sánchez, 2010).

[7] Para mais, ver: <http://memoria.uff.br/linhadotempo/>. Acesso em 10 fev. 2026.

Nesta tela, a dimensão cultural tornava-se estratégica à recomposição das políticas urbanas, por meio de projetos culturais emblemáticos capazes de promover uma nova imagem local através de ícones arquitetônicos (Sánchez, 2007). É, em 1996, com a fundação do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), cujo projeto arquitetônico fora encomendado a Oscar Niemeyer, que a prefeitura pôde pleitear promover a cidade em um tipo de rede global de atração de investimentos externos e de atenção turística nacional e internacional (Bruno, 2002).

A literatura crítica ao processo de constituição dos *image-makings* urbanos é absolutamente vasta (Arantes; Vainer; Maricato, 2000; Brenner; Marcuse; Mayer, 2012; Harvey, 2006; Peck, 2010; Sánchez, 2007, 2010). Mas o que nos interessa apontar deste preâmbulo são os potenciais indícios de um tipo de *clima social* – na ordem dos *mood studies* (Gajanigo, 2024) – amigável à recomposição da cultura como uma fonte de renovação de repertórios econômicos, urbanos, e educacionais com capacidade de conexão de perspectivas institucionais distintas num mesmo ambiente municipal. Podem ser, assim, convocadas as trajetórias dos agentes mobilizadores do campo cultural presentes tanto na UFF como na Prefeitura de Niterói.

Chamamos atenção, assim, para uma possibilidade de entrecruzamento de interesses institucionais que puderam se combinar mesclando sentimentos latentes de liberdade via reabertura democrática, reordenamento de formas de acumulação urbana, e o – embora à época ainda não devidamente enunciado nas formas como hoje conhecemos – compartilhamento da noção da produção da cultura como um ativo central à reorganização de economias nacionais e municipais.

Essencial sinalizar que este processo de alguma forma permitiria que Niterói – cidade vizinha ao Rio de Janeiro, a capital do estado e antiga capital do país, com capacidade significativamente maior de investimento e estrutura muito mais consolidada na oferta de acesso a bens culturais – pudesse se tornar uma alternativa, na sua escala, às principais rotas de consumo cultural na região metropolitana.

Estas trajetórias apontadas podem nos ajudam a visualizar como a cidade poderia mostrar-se como um ambiente laboratorial instigante para profissionais de coordenação de arranjos expressivos, bem como a UFF também se apresentava como instituição potencialmente amistosa a considerar a criação de um projeto pedagógico interessado na produção da cultura.

Neste momento, preferimos chamar estas as condições gerais institucionais que conferiram à organicidade entre Niterói e uma universidade pública de grande porte mostrarem-se como um ambiente potencialmente viável para a criação de um bacharelado atento à reorganização das formas de produção dos arranjos expressivos. O que queremos chamar atenção agora é para certas condições específicas institucionais que, a nosso ver, permitiram que o projeto de um bacharelado em Produção Cultural viesse a ser concretizado.

As universidades públicas estão organizadas internamente sob diferentes entes. Genericamente, são os ambientes da reitoria, pró-reitorias, divisões, institutos, departamentos e cursos. Os departamentos, ligados aos institutos, são unidades administrativas, acadêmicas e científicas que reúnem um corpo de docentes especialistas em determinadas áreas de saber, com intuito de organizar conjuntos de disciplinas, pesquisas e ações extensionistas. Os departamentos têm perfis e trajetórias muito distintas entre si. Alguns aparecem estreitamente ligados à oferta de disciplinas para uma graduação, enquanto outros se mostram capazes de interferir em processos pedagógicos de cursos distintos.

Por sua vez, os cursos são criados a partir da articulação dos docentes, que elaboram a matriz do projeto pedagógico, o perfil de egresso, a carga horária e o corpo de disciplinas que serão parte da estrutura curricular. Após esta iniciativa, o projeto segue para diferentes instâncias de aprovação, até sua abertura ser autorizada pelo Ministério da Educação.

O Bacharelado em Produção Cultural foi uma iniciativa construída no interior do Departamento de Arte da UFF (GAT), tendo sua primeira turma em 1996. O momento, portanto, é muito próximo à conclusão do Centro de Artes e das alterações das políticas de *image-making* urbanas em Niterói. Apontamos que a forma como o GAT se consolidou no ecossistema da UFF nos traz algumas outras pistas essenciais para compreender não apenas o nascimento do curso como os primeiros ciclos de construção de seu projeto pedagógico.

Alocado no IACS, o GAT é um desdobramento do então existente Departamento de Comunicação e Arte. A ideia de um departamento que parecia borrar fronteiras disciplinares entre arte e comunicação não seria resultado, segundo relato de interlocutores da pesquisa, de uma mera formalidade administrativa (Serra, 2026). O que

nos chamou atenção nesta interpretação de quem viveu a época de funcionamento desta fase inicial do IACS é que a forma de recrutamento dos especialistas no campo da arte, em sua vinculação ao então vigente Departamento, procurava uma adesão de docentes que permitisse uma composição entre as técnicas da comunicação aos fazeres então artesanais de práticas artísticas.

Nesta leitura indicada pelos interlocutores, parece-nos que a nucleação dos especialistas da arte à vivência daquela lógica departamental não parecia seguir funcionamentos análogos às de outras instituições de ensino superior da época. Em alguma medida, complexificava-se a partir da convocação deste corpo docente uma alternativa à leitura da Arte à canonicidade do período. O que apontamos são indícios de uma certa intuição dos partícipes da época em modulações na ação de ensino em graduação que hoje nos parecem mais inclinadas à construção de saberes multidisciplinares, e que já apareciam como valores particulares à composição do anterior Departamento.

E assim, sendo uma unidade acadêmica das disciplinas do campo de saber das Artes, era de responsabilidade de alguns dos membros do corpo de docentes especialistas do Departamento de Comunicação e Arte a oferta de disciplinas para diferentes bacharelados da UFF que demandavam em suas matrizes curriculares discussões dos meios de expressão e das teorias da arte. Notadamente, a contribuição destes docentes atingia o espaço de ensino em disciplinas optativas e obrigatórias de cursos como as habilitações de Comunicação Social, do curso de Biblioteconomia, e, principalmente ofertas do ciclo básico em plásticas, história da arte e formas de expressão para o curso de Arquitetura e Urbanismo (Serra, 2026).

O final da década de 1980 representaria mudanças relevantes ao corpo docente dedicado aos assuntos da arte, a partir de duas inflexões. A primeira delas diz respeito ao funcionamento das unidades departamentais do Instituto, que contava à época com os Departamentos de Documentação[8] e Comunicação e Arte. O corpo docente do então Departamento de Comunicação e Arte amadurecera a ideia de reorganização de unidades acadêmicas do IACS, o que permitiu a diferentes núcleos docentes formarem novos departamentos. É nesse contexto que o Departamento de Arte viria a nascer.

[8] Segundo relato de interlocutores, o Departamento de Documentação (hoje Departamento de Ciência da Informação) foi criado ainda na década de 1960, sendo um dos fundadores do IACS. Para mais, ver Pazos; Schmidt, 2019.

A segunda, e de certa forma mais decisiva, diz respeito às reformas curriculares de alguns cursos da UFF que continham em suas cargas horárias disciplinas ofertadas pelo núcleo de docentes da arte. Segundo relato de um de nossos interlocutores que testemunhara o processo, o caso mais emblemático fora visto nas mudanças profundas no ciclo básico de Arquitetura e Urbanismo, que incidiu fortemente na diminuição da demanda por disciplinas do campo da Arte (Serra, 2026).

Esta janela trouxe um desafio aos docentes do GAT em mobilizar novos objetos para seu exercício na Universidade. Aqueceu-se internamente no Departamento a possibilidade de formulação de cursos de graduação e pós-graduação um tanto mais identificados com seu perfil departamental. Em paralelo, nossos interlocutores relataram como a participação de algumas figuras-chave do GAT mostraram-se muito habilidosas para pleitear a abertura de novas vagas para concurso público (Gouma, 2026; Serra, 2026).

Entre 1991 e 1994, o Departamento receberia por concurso uma grande leva de novos docentes. Além do número mais ampliado de trabalhadores nucleados, os perfis acadêmicos destes novos membros mostrar-se-iam ainda mais inclinados à pluralidade de disciplinas de origem na composição da unidade departamental. Distintas formações foram trazidas ao debate do campo de conhecimento da Arte na versão do GAT da década de 1990, como a Filosofia, a Literatura, o Teatro, a Comunicação, a Arquitetura, a História, a Psicologia, a Antropologia, entre outras.

Em soma ao mood capturado nas interações entre Universidade e Prefeitura que viria a reposicionar a esfera produtiva da cultura como um ativo sobremaneira central à diversificação do padrão de reprodução da economia nativa, o contexto daquela vivência departamental ajuda-nos a ensaiar como o ambiente da UFF mostrou-se propício à criação do Bacharelado em Produção Cultural.

O Bacharelado em Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense

Como mencionamos na seção anterior, o contexto de renovação da unidade departamental na década de 1990 estimulava a formulação de espaços de ensino e pesquisa mais organicamente ligados ao GAT. O Departamento já havia proposto a criação uma pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Arte – hoje, Estudos

Contemporâneos das Artes – e algumas figuras-chave do GAT viam a criação de um curso de graduação como um projeto também em vista.

Um de nossos interlocutores de pesquisa relatou que em uma conversa informal entre colegas, em meados de 1994, a professora Piedade Carvalho pensara, em diálogo à nascente pós-graduação em Ciência da Arte, em um bacharelado que oferecesse uma interface entre arte e cultura. Neste encontro, o professor Gilberto Gouma teria lembrado aos presentes que as universidades do Rio de Janeiro já mantinham em funcionamento várias graduações com ofertas em formação em linguagens artísticas, e que haveria um déficit na construção do conhecimento dos profissionais de mediação. Surgiria nesse momento a ideia de mobilizar a produção cultural como uma chave de ativação da proposta do curso de bacharelado. Nosso interlocutor relatou que o processo foi continuado a partir de idas a campo para conversas com produtores de espaços culturais de médio porte, e da área de artes cênicas e música. A partir deste repertório que seria pensada um primeiro esboço de estrutura do nascente curso (Gouma, 2026).

Nesse contexto, a proposta do curso em Produção Cultural foi encaminhada por Gilberto Gouma e acolhida no âmbito do GAT, em reunião de dezembro de 1994. Uma minuta de projeto já havia sido apresentada à então existente Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos, que se mostrara interessada na proposta (Departamento de Arte, 1994). Em janeiro do ano seguinte, ficaria decidida a criação de uma comissão de docentes do Departamento – formada por Gilberto Gouma, Luiz Augusto Rodrigues, Leonardo Guelman, Luciano Vinhosa, Pierre Crapez e Wallace de Deus – que seria responsável pela formatação da estrutura do Bacharelado (Departamento de Arte, 1995).

A proposta formatada por esta comissão seguiria nos meses seguintes aos trâmites de aprovação quando, em 03 de maio de 1995[9], no âmbito da reunião do Conselho Universitário, a proposta de criação do curso seria finalmente aprovada para o vestibular de ingresso do mesmo ano.

O anteprojeto com o estabelecimento do currículo pleno do Bacharelado seria aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da UFF em outubro de 1995 (Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, 1995). Esta primeira versão do currículo conteria no ciclo de disciplinas obrigatórias um amplo de conjunto de áreas de conhecimento presentes nos domínios docentes do GAT: Fundamentos e Técnicas de

[9] Data em que se comemora o "Dia do Produtor Cultural" no Brasil.

Expressão e Difusão Cultural, Estética, Teoria da Cultura, Semiologia, Artes Visuais, Análise e Representação das Formas Artísticas. Outros Departamentos foram também convocados a contribuírem com ofertas de disciplinas: Filosofia, Comunicação, História, Ciência da Informação, Administração e Sociologia.

Além disso, criava-se no domínio de especialidades do GAT que, à época, denominou-se "Administração Cultural". Neste momento de criação da nova área de especialidade, as disciplinas, em sua maioria, teriam textura mais aberta: Administração e Gerência Cultural I e II, Marketing Cultural I e II, Planejamento e Pesquisa Cultural, Seminário Experimental em Produção Cultural, Tópicos Especiais em Produção Cultural, e Preservação do Patrimônio Cultural.

Neste primeiro ciclo, a estrutura curricular remetia com maior densidade ao acúmulo de disciplinas ofertadas às outras graduações do IACS, mantendo forte presença dos estudos em artes visuais e plásticas. Este tom "mais artístico" do curso também permitia aos discentes um espaço de experimentação de linguagens expressivas. Este momento de criação e experimentação era completado, neste primeiro esboço curricular, por um espaço de discussão/formação em teorias da cultura, sem que fosse recorrido o auxílio do campo da Antropologia da UFF, mas interpretado pelos docentes de departamento mais inclinado à área das Artes (Deus, 2026).

A primeira turma do Bacharelado em Produção Cultural foi recebida no primeiro semestre de 1996. O foco à época era procurar mobilizar conjuntos de ferramentas críticas, já perspectivadas a partir de um registro interdisciplinar, de forma que a inserção dos egressos no mercado de trabalho privilegiasse dimensões de intervenção duradouras para o desenvolvimento social mais amplo.

O curso surgira como resposta às demandas por uma formação que pudesse integrar elementos heurísticos em processo de constituição com a dimensão operacional do trabalho de produção. Esta nada simples composição foi pensada de maneira a mobilizar os futuros egressos a compreender os limites entre o manejo das técnicas de operação de coordenação para os arranjos expressivos e a forma como o campo cultural é influenciado por dimensões sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, o caráter pioneiro do bacharelado encontra-se neste tipo de contração, em como pensar as intervenções no campo mediando horizontes próprios de relações simbólicas e os produtos e serviços disponíveis ao consumo.

Em 1999, o curso passaria por sua primeira reforma curricular. Por óbvio, o corpo docente e discente da Produção Cultural já havia acumulado registros de como as pontas do mercado de trabalho estavam organizadas à época, reconhecendo também como os operadores recebiam os alunos nas atividades laborais. É a partir desta reforma que a estrutura do Bacharelado viria a tornar-se mais amadurecida na composição entre as dimensões técnicas da operação de produção, com o esforço de acúmulos sensíveis das experiências das áreas de arte e cultura.

A organização da matriz curricular passou a corresponder à articulação de três grandes eixos: Teorias da Arte e da Cultura, Fundamentos dos Meios de Expressão, e Planejamento Cultural. Esta dimensão tripartite é o que organiza a formação até o presente momento. O sítio eletrônico institucional define cada eixo da seguinte forma:

> Teorias da arte e da cultura: as disciplinas que compõem este bloco irão fornecer o embasamento teórico para uma sólida formação humanística, propiciando ao aluno condições de desenvolver uma reflexão crítica acerca da produção cultural.
>
> Fundamentos dos meios de expressão: visa fornecer ao aluno conhecimentos técnicos e artísticos sobre os diversos meios de expressão nas áreas de teatro, dança, literatura, música, artes plásticas e artes audiovisuais.
>
> Planejamento cultural: tem como objetivo instrumentalizar o aluno para a realização de atividades que envolvam pesquisa, planejamento e gestão cultural, assumindo uma postura crítica frente a diversidade da produção simbólica e das manifestações artístico-culturais em grupos sociais diversos.

Nos anos seguintes as experiências acumuladas por docentes e egressos do Bacharelado, principalmente pelas experiências como gestores de espaços culturais e presença em posição de mando na organização de políticas públicas, renderia novas mudanças para o curso. A artesania inicial do curso, pensada a partir de um conjunto de indicações para uma sensibilidade profissional, viria a ser ajustada também no limite em que a área de Planejamento Cultural – inclui-se aqui o universo das políticas e da gestão – ganharia no Brasil uma bibliografia canônica, até então inexistente.

A dinâmica de disciplinas que atualmente estrutura o curso opera, então, a partir deste acúmulo. A participação de outros Departamentos da UFF é hoje bem menor, e carga horária de disciplinas obrigatórias é majoritariamente oferecida pelo GAT. Além dos estudos dos fundamentos de linguagens artísticas – tomadas a partir da Literatura, Dança, Teatro, Música, Artes Plásticas, e Audiovisual – e da presença mais marcante dos métodos de pesquisa e investigação das Teorias da Cultura, a área de Planejamento Cultural ganhou outra corporeidade e responde hoje por momentos estruturantes do

curso.

Algumas disciplinas ainda mantém o princípio de textura aberta do projeto inicial, incluindo também um espaço de prática laboratorial já no primeiro período do curso. Mas o projeto pedagógico atual reconhece o que entendemos ser uma estabilização da literatura para a área, definindo os eixos da economia da cultura, das políticas culturais, dos processos de gestão cultural, do patrimônio cultural, do marketing cultural, da gestão de espaços culturais, dos direitos autorais, e das legislações de incentivo à cultura como elementos básicos da formação. Esta dimensão se completa através das disciplinas de Projetos Culturais.

Os Projetos Culturais I, II, III e IV são os momentos em que os discentes podem simular, através de algumas ferramentas técnicas, algumas particularidades próprias ao universo da produção e gestão da cultura. Este eixo procura seguir a confecção de projetos para propostas de eventos, intervenções em espaços culturais, ações culturais articuladas com grupos sociais, e intervenções municipais (tendo antecipado de alguma maneira o que reconhecemos hoje pelos planos municipais de cultura).

Acumula-se nesta perspectiva o principal desafio do curso. A operação das ferramentas técnicas – o conhecimento e domínio das matrizes normativas de leis de incentivo, a dramatização de *pitchings*, a experimentação na formulação de orçamentos e *checklists* – são incentivadas em consonância com a pesquisa e produção de dados, a produção de diagnósticos, e a aproximação com atores sociais como partícipes dos processos de produção. Assim se espera que a formação venha a induzir entre os discentes a noção de que os domínios de certas técnicas de operação administrativa e ferramentas de planejamento precisem estar acompanhadas de uma disposição para a pesquisa, para leituras de conjuntura política e de experimentações de abstrações com capacidade particular de previsão de cenários.

Em 2005, a UFF expandiu a oferta do curso para o Polo Universitário de Rio das Ostras. Estão em funcionamento, portanto, dois cursos de graduação oferecidos pela UFF para a formação em Produção Cultural.

Na próxima seção, pretendemos apresentar algumas informações oriundas dos destinos de egressos formados pelo Bacharelado ofertado em Niterói. Além de brevíssimas indicações de seus trabalhos finais de conclusão de curso.

Informações sobre egressos do curso

Nossos contatos com o corpo discente têm nos mostrado que a experiência laboral das/os Produtoras/es Culturais formados pela UFF começa a ser construída ainda durante a graduação. A participação em projetos de pesquisa, extensão universitária, eventos acadêmicos e iniciativas culturais vinculadas à UFF – embora cada vez mais escassos, tendo em vista a diminuição orçamentária que as universidades públicas brasileiras têm enfrentado nos últimos anos – ainda constitui um elemento central na formação prática dos estudantes.

Além disso, atividades como organização de semanas acadêmicas, mostras culturais, seminários e projetos de mapeamento cultural territorial têm possibilitado o desenvolvimento de competências relacionadas ao planejamento, à gestão, à mediação cultural, e ao trabalho em equipe – este último, dimensão absolutamente central ao campo produtivo da cultura. Não raro, em conversas informais, recebemos relatos de egressos que confirmam como essas experiências se mostraram determinantes para sua inserção posterior no mercado cultural.

Como dissemos bem ao início deste texto, a carreira das/os produtoras/es culturais tem permitido um amplo leque de possibilidades de atuação. No caso daqueles que optaram pela formação bacharelar oferecida pela UFF, temos podido acompanhar algumas de suas trajetórias, mapeando os eixos principais de suas atuações.

Levantamentos institucionais realizados junto a egressos do curso (Rodrigues, 2012; Santos, 2019) indicam uma significativa diversidade de campos de atuação. As trajetórias profissionais não se concentram em um único segmento, mas se distribuem entre produção cultural independente, gestão pública, audiovisual, pesquisa, comunicação e empreendedorismo cultural. Essa pluralidade confirma o caráter transversal da formação oferecida pelo curso. Diante destes dados, pudemos arriscar um mapa das atividades e posições laborais.

Um primeiro eixo de destino dos egressos está no planejamento, gestão e produção de projetos culturais. Neste universo, os egressos têm podido atuar na concepção, elaboração, execução, monitoramento e avaliação de projetos culturais, aplicados a diferentes linguagens artísticas e contextos institucionais. Entre as ações principais, destacam-se a gestão administrativa, financeira e operacional de iniciativas culturais; a produção executiva de eventos, festivais, mostras e circuitos culturais; a

elaboração e gestão de projetos para editais públicos e privados. Em geral, trata-se de atividades com alto grau de domínio das técnicas de produção, compreensão de marcos legais e capacidade de articulação entre agentes culturais, instituições e públicos.

Encontramos um outro ambiente de atuação dos egressos nas políticas públicas de cultura. Essa dimensão reforça o papel das/os Produtoras/es Culturais como mediadores entre Estado, sociedade civil e territórios, especialmente em contextos de políticas culturais com ênfase na participação social. Neste eixo, os egressos têm tido papel essencial na formulação, implementação e avaliação de políticas culturais; na atuação em secretarias, fundações, conselhos e sistemas de cultura; na gestão de programas culturais; e na construção e análise de dados e indicadores culturais.

Um outro destino conhecido se encontra na gestão de espaços, equipamentos e instituições culturais. Nesta frente, os egressos têm participado em papéis centrais na coordenação de centros culturais, museus, teatros e casas de cultura, tanto públicos como privados; na programação cultural e curadoria de atividades artísticas; na mediação cultural e formação de públicos; no desenvolvimento de planos de sustentabilidade institucional.

Há também egressos que têm concentrado seu papel na produção em indústrias culturais. Por óbvio, esse campo demanda capacidade de negociação, ativa leitura do mercado de consumo e compreensão dos direitos autorais e das cadeias produtivas da cultura, em especial as do cinema, audiovisual, música, artes cênicas e editorial. Neste âmbito, são mais comuns as ações em produção e circulação de conteúdos culturais em plataformas digitais; a gestão de carreiras artísticas e projetos autorais; e a interface entre criação, mercado e políticas de fomento.

Um outro campo de atividades é o da comunicação, difusão e mediação cultural. Neste campo, as ações são voltadas ao planejamento de estratégias de comunicação e divulgação cultural; à produção de conteúdos para mídias digitais, *podcasts* e plataformas audiovisuais; à mediação entre obras, artistas e públicos diversos; às ações educativas e formativas associadas a projetos culturais.

Outro espaço de atuação dos egressos diz respeito às culturas comunitárias e territoriais. Em diálogo com práticas de base comunitária, os egressos têm podido desenvolver projetos em territórios periféricos, rurais e tradicionais; atuar junto a coletivos culturais, Pontos de Cultura e iniciativas autogestionadas; facilitar processos

formativos e metodologias participativas; apoiar a sustentabilidade de práticas culturais locais.

Outra frente de trabalho articula inovação, economia da cultura e práticas colaborativas, e a destacamos como consultoria, assessoria e empreendedorismo cultural. A atuação dos egressos neste universo se destaca pelo papel como consultores em elaboração e gestão de projetos culturais; assessores de organizações culturais, artistas e coletivos; empreendedores culturais e gestores de iniciativas próprias; desenvolvedores de modelos alternativos de sustentabilidade cultural.

Por fim, destacamos também o lugar ocupado pelos egressos em pesquisa, ensino e produção de conhecimento em cultura. Esta diz respeito às trajetórias acadêmicas e formativas, em campos de produção como os das pesquisas em políticas culturais, economia da cultura e produção cultural; atuação em projetos de extensão universitária; docência em cursos técnicos, livres e de formação continuada, tanto de ensino técnico como superior; sistematização e difusão de metodologias e experiências culturais.

De modo recorrente, os egressos relatam a combinação de múltiplas frentes de atuação ao longo de suas carreiras, articulando trabalhos temporários por projeto, vínculos institucionais e iniciativas autorais. Tal configuração reflete tanto a dinâmica estrutural do campo cultural brasileiro quanto a capacidade adaptativa desenvolvida ao longo da formação acadêmica (além de sinalizar algo que de certo modo caracteriza o campo profissional na área da cultura: a precarização do trabalho).

Tabela 1– Áreas recorrentes de atuação de egressos do curso.

Área de atuação	Exemplos de ações desenvolvidas
Planejamento, gestão e produção de projetos culturais	Gestão administrativa, financeira e operacional de iniciativas culturais; produção executiva de eventos, festivais, mostras e circuitos culturais; elaboração e gestão de projetos para editais públicos e privados.
Setor público e políticas culturais	Formulação, implementação e avaliação de políticas culturais; na atuação em secretarias, fundações, conselhos e sistemas de cultura; gestão de programas culturais; construção e análise de dados e indicadores culturais.
Gestão de espaços, equipamentos e	Coordenação de centros culturais, museus,

instituições culturais	teatros e casas de cultura, tanto públicos como privados; programação cultural e curadoria de atividades artísticas; mediação cultural e formação de públicos; desenvolvimento de planos de sustentabilidade institucional.
Indústrias culturais	Produção e circulação de conteúdos culturais em plataformas digitais; gestão de carreiras artísticas e projetos autorais; interface entre criação, mercado e políticas de fomento.
Comunicação, difusão e mediação cultural	Planejamento de estratégias de comunicação e divulgação cultural; produção de conteúdos para mídias digitais, *podcasts* e plataformas audiovisuais; mediação entre obras, artistas e públicos diversos; ações educativas e formativas associadas a projetos culturais.
Culturas comunitárias e territoriais	Desenvolvimento de projetos em territórios periféricos, rurais e tradicionais; atuação junto a coletivos culturais, Pontos de Cultura e iniciativas autogestionadas; facilitação de processos formativos e metodologias participativas; apoio a sustentabilidade de práticas culturais locais.
Consultoria, assessoria e empreendedorismo cultural	Consultoria em elaboração e gestão de projetos culturais; assessoria de organizações culturais, artistas e coletivos; liderança em empreendimentos culturais e de iniciativas próprias; desenvolvimento de modelos alternativos de sustentabilidade cultural.
Pesquisa, ensino e produção de conhecimento em cultura	Pesquisas em políticas culturais, economia da cultura e produção cultural; atuação em projetos de extensão universitária; docência em cursos técnicos, livres e de formação continuada, tanto de ensino técnico como superior; sistematização e difusão de metodologias e experiências culturais.

Fonte: Sistematizado pelos autores.

As ações potenciais dos egressos deste bacharelado em Produção Cultural na UFF evidenciam uma formação voltada à complexidade do campo cultural contemporâneo. Ao transitar entre mercado, políticas públicas, territórios e práticas simbólicas, esses profissionais atuam como mediadores culturais, gestores e agentes de transformação social, contribuindo para a consolidação da cultura como direito, campo profissional e dimensão estratégica do desenvolvimento.

Outro elemento que podemos destacar diz respeito aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) desenvolvidos[10], e como estes refletem preocupações socioculturais e territoriais diversas, incluindo temas como acessibilidade cultural para pessoas com deficiência, gestão cultural em contextos municipais, influência de produções culturais de rua em comunidades locais e aproximação entre universidades e centros culturais.

Os TCCs constituem um espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática. A análise temática desses trabalhos revela forte incidência de abordagens relacionadas a políticas culturais, gestão de espaços culturais, cultura comunitária, acessibilidade cultural, economia da cultura e territorialidades. Em diversos casos, extrapolam o âmbito acadêmico, desdobrando-se em projetos culturais implementados, propostas de políticas públicas, consultorias ou pesquisas aplicadas. Tal característica reforça o papel do TCC como dispositivo de transição entre a formação universitária e o campo profissional.

Tabela 2 – Temáticas recorrentes nos Trabalhos Finais de Curso.

Eixo temático	Exemplos de abordagens
Políticas culturais	Sistemas municipais de cultura, financiamento cultural, participação social
Gestão cultural	Gestão de equipamentos culturais, planejamento estratégico, sustentabilidade
Cultura comunitária	Pontos de Cultura, iniciativas territoriais, práticas culturais de base comunitária
Comunicação e mediação	Formação de públicos, comunicação cultural, mídias digitais
Acessibilidade e diversidade	Cultura e inclusão, direitos culturais, diversidade sociocultural

Fonte: Sistematizado pelos autores.

Esses TCCs[11] – que em muitos casos geraram reflexões aplicáveis a políticas públicas ou ações de campo – demonstram que egressos não apenas adquirem repertório teórico, mas mobilizam esse repertório para investigar e propor soluções em contextos reais, ativando habilidades de pesquisa aplicada e planejamento cultural. Durante a graduação, muitos estudantes participam de projetos aplicados que articulam a UFF com

[10] Os TCCs desenvolvidos estão disponíveis no site (http://procult.sites.uff.br/trabalhos-finais/), especialmente os posteriores a 2010.
[11] Indexação dos TCCs até 2016 pode ser observada em publicações de Rodrigues (2018; 2019).

a cidade e territórios culturais, assim como com parcerias com o governo do estado do Rio de Janeiro e mesmo projetos de abrangência nacional. Relatos de graduandas e graduandos destacam que esse tipo de experiência amplia as perspectivas de atuação para além dos espaços acadêmicos e cria vínculos com o campo cultural local, o que nos permite entender que há uma calibragem entre o engajamento e a alocação em postos de trabalho após o período de graduação.

Esse tipo de participação empírica durante a formação é frequentemente relatado por egressos como um elemento decisivo para entender a complexidade das práticas culturais em seus contextos, bem como para desenvolver redes profissionais e repertórios metodológicos amplos. Destacamos aqui algumas chaves que sinalizam implicações desse processo formativo, a partir de depoimentos informais obtidos em conversas com egressos.

Os egressos têm destacado como a formação acadêmica interdisciplinar tem favorecido a construção de trajetórias plurais no mercado de trabalho, permitindo que os profissionais atuem em diversos segmentos culturais e correlatos. Além disso, a participação em projetos de pesquisa e produção durante a graduação, além do repertório metodológico particular, tem ampliado significativamente a aquisição de diferentes tipos de capital social, essenciais no trânsito entre áreas como produção executiva, audiovisual e pesquisa aplicada.

São também relatos comuns sobre como os TCCs e projetos integradores consolidam saberes teóricos e práticos, especialmente quando articulados a demandas territoriais e socioculturais, preparando os egressos para desafios complexos do campo cultural. Ademais, as experiências de campo universitário têm incentivado o engajamento com atores culturais locais e políticas públicas, o que amplia a compreensão do trabalho cultural como um processo coletivamente construído.

Relacionar as ações potenciais dos egressos com experiências empíricas reforça a importância de um currículo que articula formação crítica, prática profissional e pesquisa aplicada. Os relatos institucionais e trajetórias de ex-alunos mostram que o Bacharelado em Produção Cultural da UFF não só prepara profissionais para o mercado de trabalho, mas também para ações que dialogam com as dinâmicas socioculturais, comunitárias e territoriais, contribuindo para a consolidação de práticas culturais mais engajadas e contextualizadas.

Considerações finais

A institucionalização da Produção Cultural como campo de formação universitária no Brasil está diretamente relacionada às transformações ocorridas no setor cultural a partir das últimas décadas do século XX, marcadas pela ampliação das políticas públicas de cultura, pela complexificação das cadeias produtivas culturais e pela crescente demanda por profissionais capazes de articular criação, gestão, mediação e reflexão crítica.

No caso da proposta formulada no âmbito da Universidade Federal Fluminense, estas condições nos parecem reforçadas por dinâmicas particulares à trajetória do ecossistema do Instituto de Arte e Comunicação Social, incluindo a maneira como o Departamento de Arte consolidou-se como um campo de saber e administrativo muito específico. Nesta bitola, encontramos também algumas chaves no tipo de organicidade própria à relação entre a UFF e a cidade de Niterói, que permitiram aos agentes sintagmáticos do processo de organização de saberes legítimos da atividade profissional capturarem um clima socioespacial que moveu, à época, a adesão das instâncias da Universidade no acolhimento de um projeto inédito como aquele.

Mas a relevância do curso de Produção Cultural da UFF se expressa não apenas por seu caráter histórico, mas sobretudo por sua proposta pedagógica, ao compreender a cultura como dimensão simbólica, política e econômica da vida social. Tal perspectiva aproxima-se de debates centrais no campo latino-americano dos estudos culturais e das políticas culturais, especialmente aqueles que enfatizam a cultura como direito, como eixo do desenvolvimento e como prática territorialmente situada.

Assim, o perfil profissional proposto pelo curso procura abranger a maior amplitude de atuação no campo cultural, ao incluir para seu projeto pedagógico dimensões do planejamento, gestão e produção de projetos culturais; das políticas públicas de cultura; da gestão de espaços, equipamentos e instituições culturais; da produção em indústrias culturais; da comunicação, difusão e mediação cultural; do diálogo com práticas de base comunitária; da consultoria, assessoria e empreendedorismo cultural; e da pesquisa, ensino e produção de conhecimento em cultura. Tal amplitude reflete a complexidade do campo cultural contemporâneo, no qual Produtoras/es Culturais interagem com múltiplos agentes e contextos, exigindo competências diversificadas.

Os relatos fornecidos pelos egressos confirmam elementos centrais apontados no Projeto Pedagógico do Curso e em seus processos de avaliação: a ênfase na interdisciplinaridade, na articulação entre teoria e prática e na compreensão ampliada do campo cultural. Os relatórios de avaliação externa do Ministério da Educação (MEC) destacam positivamente a coerência entre objetivos formativos, estrutura curricular e perfil do egresso. Ao mesmo tempo, os documentos institucionais e as trajetórias dos egressos evidenciam desafios persistentes, especialmente relacionados à precarização do trabalho cultural e à necessidade de políticas públicas contínuas de fomento e institucionalização do campo. Esses desafios reforçam a importância de uma formação que capacite os futuros profissionais não apenas para atuar, mas também para incidir criticamente sobre as condições estruturais do setor cultural.

A descrição das experiências empíricas dos egressos permite identificar alguns impactos centrais da formação em Produção Cultural na UFF. Assim, temos percebido que os Bacharéis do Curso mantém trajetórias profissionais múltiplas e híbridas, compatíveis com a complexidade do campo cultural; reforçam a experiência acadêmica como espaço de experimentação prática e construção de redes profissionais; percebem a pesquisa aplicada e a produção de conhecimento como dimensões do trabalho cultural; inclusive assumindo como projeto de carreira a atuação em políticas culturais e iniciativas territoriais, reforçando o papel social da cultura.

A UFF, ao propor um currículo que articula teoria crítica e formação técnica, contribui para a profissionalização de uma área historicamente marcada por trajetórias práticas e empíricas. A formação oferecida busca não apenas preparar profissionais para o mercado, mas também fomentar uma reflexão sobre o papel social da cultura e sua gestão. Um desafio contínuo reside na articulação entre essa formação crítica e as exigências realistas do mercado de trabalho, que muitas vezes valoriza habilidades imediatas de execução e gestão. A construção de um projeto final de curso e a oferta de disciplinas eletivas e optativas podem ampliar a capacidade dos estudantes de combinar reflexividade e habilidades práticas.

Ao mesmo tempo, persistem desafios relacionados à precarização do trabalho cultural, à instabilidade de vínculos e à necessidade de políticas públicas estruturantes. Tais desafios reforçam a importância de uma formação crítica que prepare os egressos não apenas para operar no campo cultural, mas também para transformá-lo.

Neste sentido, o Bacharelado em Produção Cultural da UFF representa uma iniciativa pioneira no cenário brasileiro, promovendo uma formação que integra teoria crítica, prática e gestão cultural. Sua estrutura curricular e objetivos refletem um compromisso com a complexidade da cultura contemporânea, ressaltando tanto a necessidade de competências profissionais quanto de um olhar crítico sobre os processos culturais. A trajetória do curso, assim como sua articulação com mercados profissionais e políticas públicas, vem permitindo reformas e ajustes curriculares que buscam melhor adequar formação teórico-prática e compromisso ético-social a partir de suas práticas e recursos pedagógicos.

Referências

AMARAL, Rodrigo Correia do. *Sob o jugo da Musa*. Profissionalização e distinção entre os produtores e gestores culturais no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRENNER, Neil; MARCUSE, Peter; MAYER, Margit (org.). *Cities for people, not for profit*: an introduction. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2012.

BRUNO, Joana Sarmet Cunha. O Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ: uma estratégia de promoção da imagem da cidade. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 4(1/2), 91, 2002. Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/77. Acesso em: 13 fev. 2026.

CALABRE, Lia. Estudos acadêmicos contemporâneos sobre políticas culturais no Brasil: análises e tendências. *PragMatizes – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 4, n. 7, p. 109-129, set. 2014. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10392. Acesso em: 13 fev. 2026.

CASTRO, Flávia Lages de; RODRIGUES, Luiz Augusto F.. Formação e pesquisa em produção cultural. *In*: CALABRE, Lia; DOMINGUES, Alexandre (org.). *Estudos sobre políticas culturais e gestão da cultura*: análises do campo da produção acadêmica e de práticas de gestão. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. p. 111-157. Disponível em: https://labacuff.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/10/2019-formac3a7c3a3o-e-pesquisa...-la-e-fl-cap.-cc3a1tedra.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.

COSTA, Leonardo Figueiredo. *Profissionalização da organização da cultura no Brasil*: uma análise da formação em produção, gestão e políticas culturais. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DEPARTAMENTO DE ARTE. *Ata da Reunião dos Professores do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense de 14 de dezembro de 1994*. Mimeo, 1994.

DEPARTAMENTO DE ARTE. *Ata da Reunião dos Professores do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense de 04 de janeiro de 1995*. Mimeo, 1995.

DEUS, Wallace de. Depoimento [09 de fevereiro de 2026]. Entrevista concedida a João Domingues. Niterói, 2026.

DIAS, Caio Gonçalves. O Planejamento da Cultura: Políticas Culturais, Unesco e Brasil (1966-1988). *In*: *DADOS*, Rio de Janeiro, vol.66, n. 1, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/ZFJYZ4ZVW4p8MBHQXnvRXts/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 dez. 2025.

DOMINGUES, João. *A diversidade atrofiada*: políticas de regulação urbana e movimentos culturais insurgentes na cidade do Rio de Janeiro. 2013. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_42f557b3c783aab7207c28c0583be9d8. Acesso em: 11. jul. 2026.

DOMINGUES, João; OLIVEIRA, Kyoma; FACINA, Adriana. Cultura é trabalho. *Políticas Culturais em Revista*, v. 17, p. 1-25, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/60695. Acesso em: 12 jan. 2026.

DOMINGUES, João; PORTELLA MACHADO, Gustavo. A enunciação de um sujeito competitivo-pacificado: uma análise das competências profissionais sugeridas a produtoras/es culturais na Classificação Brasileira de Ocupações. *PragMatizes – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 11, n. 21, p. 125-145, 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/49448. Acesso em: 23 set. 2026.

GAJANIGO, Paulo. Estrutura de sentimentos, Stimmung e atmosfera: uma proposta de sistematização do emergente Mood Studies. *Sociologias*, v. 26, n. 63, 2024. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/122908. Acesso em: 20 fev. 2025.

GOUMA, Gilberto. Depoimento [13 de fevereiro de 2026]. Entrevista concedida a João Domingues. Niterói, 2026.

HARVEY, David. *A produção capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.

LIMA JUNIOR, Pedro. *Uma estratégia chamada 'planejamento estratégico':* deslocamentos espaciais e atribuições de sentido na teoria do planejamento urbano. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2003.

MORENO DA SILVA, Gabriel. *Ocupação Cultural*: Reflexões sobre sonho e trabalho. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Universidade Federal

Fluminense (UFF), Niterói, 2018. Disponível em: https://ppcultuff.com/wp-content/uploads/2025/03/Gabriel-Moreno-da-Silva-.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026.

NUNES, Jordão Horta; BENEVIDES, Rubens de Freitas. A produção cultural no Brasil: consolidação e construção do discurso profissional. *In*: Congresso Brasileiro de Sociologia, 18, 2017, Brasília, DF. *Anais...* Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2017.

NUNES, Jordão; BONELLI, Maria da Gloria; MICK, Jacques. Sociologia das Profissões e das Ocupações no Brasil: 2002-2019. *Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCAR*, v. 12, p. 851-872, 2022. Disponível em: https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1145. Acesso em: 12 fev. 2026.

PARSONS, Talcon. Professions. *In*: SILLS, David L. (org.). *Internacional Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: Crawell Collier and Macmillan, p. 536-547, 1968.

PAZOS, Juliana de Mesquita; SCHMIDT, Clarissa. A Trajetória Histórico-Curricular do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal Fluminense. *In*: BARROS, Thiago Henrique; CÂNDIDO, Gilberto Gomes; SANTOS JR., Roberto Lopes dos Santos. (org.). *A Pesquisa e o Ensino da Arquivologia*: Perspectivas na Era Digital. 1ed.Belém: Editora da UFPA, 2019, v. 1, p. 222-232.

PECK, Jamie. *Constructions of neoliberal reason*. Oxford University Press, Oxford, 2010.

PEDROSO, Sandra Helena. O produtor cultural e a formalização de sua atividade. *PragMatizes – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 4, n. 7, p. 125-145, 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10395/7234. Acesso em: 21 dez. 2025.

PORTELLA MACHADO, Gustavo. Microempreendedor individual e desproteção social: tensões entre a racionalidade neoliberal e as estratégias para "viver de cultura" a partir de produtores/as culturais freelancers na cidade do Rio de Janeiro. *Ponto-e-Vírgula*, (27), 99–113, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1982-4807.2020i27p99-113. Acesso em: 20 dez. 2025.

PORTELLA MACHADO, Gustavo. O ensino da produção cultural entre o mercado e a Universidade: um estudo de caso a partir da trajetória na graduação em produção cultural da Universidade Federal Fluminense. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, Ed. Especial, p. 59-72, 2019. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/45204/26085. Acesso em: 20 dez. 2025.

RODRIGUES, Luiz Augusto F.. Bacharelado em Produção Cultural / Niterói. Indexação dos trabalhos de conclusão de curso 2001 a 2017. [2018] Disponível em: https://labacuff.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/10/2018-indexac3a7c3a3o-dos-tccs-produc3a7c3a3o-cultural-uff-2001-a-20172.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.

RODRIGUES, Luiz Augusto F.. Formação e profissionalização do setor cultural: caminhos para a institucionalidade da área cultural. *PragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, v. 2, n. 3, p. 63-80, 2012. Disponível em: http://www.pragmatizes.uff.br/revista/index.php/ojs/article/view/25/26. Acesso em: 23 set. 2026.

RODRIGUES, Luiz Augusto F.. Produção cultural na Universidade Federal Fluminense: trajetória e atualidade de um bacharelado (e outras reflexões). *In*: COSTA, Leonardo; MELLO, Ugo Barbosa de (org.). *Formação em organização da cultura no Brasil*: experiências e reflexões. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2016, p. 133-150.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2010.

SÁNCHEZ, Fernanda. *Cidade Espetáculo*: Política, Planejamento e City Marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

SANTOS, Cíntia Tavares dos. *Produção Cultural*: um estudo da trajetória da profissão através do Bacharelado da UFF. Monografia (Graduação em Produção Cultural) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: http://procult.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/386/2025/10/Cintia-Tavares-dos-Santos.pdf. Acesso em 20 dez. 2025.

SERRA, Antônio. Depoimento [10 de fevereiro de 2026]. Entrevista concedida a João Domingues. Niterói, 2026.

TOMMASI, Maria Livia de. Jovens produtores culturais de favela. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v.22, n.47, p. 41-62, jan./abr. 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4766/4350. Acesso em 12 fev. 2026.

WEYNE, Rachel Gadelha. *O campo da produção cultural no Ceará*: conformações, configurações e paradoxos. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

WOLF, Victor de. *Dilemas da gestão ativista*: interlocuções entre teoria e prática a partir da gestão pública de cultura na cidade de Niterói. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2022. Disponível em: https://ppcultuff.com/wp-content/uploads/2025/03/4-Victor-De-Wolf-Dilemas-da-gestao-ativista.pdf. Acesso em 24 fev. 2026.

Licenciatura en Producción Cultural de la Universidad Federal Fluminense: 30 años de experiencia

Resumen: El artículo está dedicado a la reflexión sobre la experiencia de construcción y consolidación de la Licenciatura en Producción Cultural de la Universidad Federal Fluminense. El trabajo dialoga con algunos elementos de la sociología de las profesiones, al procurar proyectar una historicidad de la jurisdicción profesional. La posición de escritura del artículo, elaborado a cuatro manos, se sitúa en la interlocución entre un egresado del programa – hoy también miembro de su cuerpo docente – y uno de sus profesores durante el ciclo de su formación en la Licenciatura. Tomamos algunos testimonios entre colegas de la institución con el fin de construir una posible genealogía del proyecto. Por último, procuramos organizar, a partir de relatos de estudiantes del programa y de diagramas de sus Trabajos Finales de Carrera, un panorama de las posiciones ocupadas por los egresados.

Palabras clave: Licenciatura en Producción Cultural; Universidad Federal Fluminense; formación en organización de la cultura; políticas educativas universitarias.

Bachelor's Degree in Cultural Production at the Fluminense Federal University: 30 Years of Experience

Abstract: This article is devoted to reflecting on the experience of building and consolidating the Bachelor's Degree in Cultural Production at Universidade Federal Fluminense. The paper engages with elements of the sociology of professions in order to project a historicity of professional jurisdiction. Written collaboratively, the article emerges from a dialogue between a graduate of the program – now also a member of its faculty – and one of his professors during the period of his undergraduate training. We draw on testimonies from colleagues within the institution in order to construct a possible genealogy of the project. Finally, based on accounts from students and diagrams of their Final Course Projects, we organize an overview of the positions occupied by the program's graduates.

Keywords: Bachelor's Degree in Cultural Production; Fluminense Federal Universisity; training in cultural organization; university educational policies.